

DIÁLOGOS ENTRE PALEONTOLOGIA, PALEOARTE E LENDAS MILENARES BRASILEIRAS AOS OLHOS DO ALUNADO DE ENSINO FUNDAMENTAL

Profe. Ms e Dr. Dogomar González Baldi
SMED/Cachoeirinha - RS

Resumo: O presente artigo tem por objetivo compartilhar a dar visibilidade à experiência do uso dos conceitos científicos básicos da Paleontologia o do uso e função da Paleoarte na análise e entendimento de duas lendas ancestrais brasileiras que se remontam a tempos pré-históricos. A atividade foi realizada em três escolas de ensino fundamental do Município de Cachoeirinha - RS, a partir das propostas educacionais de Edgard Morim e da pedagogia profana de Jorge Larrosa, e dos postulados defendidos pelos estudos avançados em Literatura Comparada de Mikhail Bakhtin e Henry H. H. Remak complementados com a ótica e vivência do próprio autor.

Palavras-chave: Paleontologia. Paleoarte; Lendas brasileiras. Ensino fundamental.

"Literatura? Toda vez que o ser humano se ficciona a si mesmo, em meio à solidão e desencontro com seu criador".
Profe. Dr. Dogomar González Baldi

ENTRANDO EM SALA DE AULA...

O Ensino Básico ou Fundamental tem com proposta nuclear preparar o alunado para a vida, a partir da descoberta e estímulo do amor e do saber cuidar como primeiro estágio embrionário necessário para, logo, dar lugar à introdução de saberes e conhecimentos formadores básicos, - muito em especial Português e Matemáticas entre o restante das disciplinas-, que capacitam e fomentam a sua inserção social coletiva e, mais tarde, a sua inserção no mercado laboral. Tais ferramentas foram arquitetadas para poder ajudar a compreender a dinâmica da existência e da vida planetária, numa perspectiva que deve fomentar, sempre, a reflexão e o pensamento crítico.

As escolas básicas que serviram de palco para a realização dos estudos comparatistas e ou multidisciplinares apresentam algo em comum: são escolas da periferia de Cachoerinha que sofrem com precariedades logísticas e materiais crónicas. Com efeito, o Poder Público tem deixado muito a desejar no quesito

Educação. Porém, o esforço dos quadros docentes, - traduzido em amor pelas crianças e constante empenho por fornecer e produzir uma aula empolgante e criativa que coloque o próprio aluno como gestor e manipulador dos conteúdos a serem tratados -, tem dados resultados promissórios e alentadores. Por outro lado, ainda em tempos recentes da pandemia, trás grandes esforços, num ambiente de desigualdade digital, os planos e projetos educativos não cessaram e geraram resultados satisfatórios.

Os três centros educacionais onde foram aplicados os conteúdos de cunho multidisciplinar são, por ordem de experiência, as EMEF´s (escola municipal de ensino fundamental): EMEF Tiradentes, EMEF Natálio Schlain, e EMEF Assunção, num arco temporal que inicia em 2009 e continua até o presente ano de 2023. As aulas multidisciplinares foram aplicadas na disciplina de Espanhol, em língua espanhola da comarca rio-platense, e nas disciplinas de Arte, Diversidade e Ensino Religioso, em língua portuguesa.

Por se localizarem na periferia, como foi já comentado, as escolas atendem uma camada social em situação de risco e vulnerabilidade, fato este que gera um aluno com um perfil preocupante:

- carência do núcleo familiar;
- carência afetiva;
- autoestima baixa;
- conflitos familiares;
- desconhecimento de limites e falta de valores éticos;
- indisciplina e comportamento violento;
- abuso sexual, abuso sexual intrafamiliar;
- alimentação inadequada e insuficiente;
- portadores de necessidades e atenções especiais;
- processo de alfabetização inconcluso;
- faixa etária entre 7 a 15 anos;
- e falta de reconhecimento da imagem e atribuições do professor.

Perante esta realidade social, a escola adquire outro status além da sua clássica função: para muitos, a escola é o retorno ao útero materno, enquanto que para tantos outros é a descoberta do próprio, pois a escola vira um lugar seguro, um espaço lúdico, da (re)construção da afetividade e autoestima próprias e do senso de respeito e consideração pela outridade. Por outro lado, é importante ressaltar que, nestas condições, o ensino clássico, - positivista, "certinho", expositivo, prescritivo, minado de datas, lugares, heróis, nomenclaturas, causas e consequências e muitas cobranças no momento dos processos de avaliação -, não tem como se manter em pé, nem muito menos dar bons frutos devido às exigências da sua limitada linearidade. Com efeito, não poucas vezes, se faz necessária a produção de um novo paradigma educacional, raramente estudado ou proposto nos médios acadêmicos que dizem respeito aos cursos de Magistério e Pedagogia respectivamente. De fato, o ensino universitário está longe de poder preparar um docente plenamente capacitado para satisfazer as demandas oriundas das realidades socioantropológicas das escolas de periferia. O autor do presente artigo reconhece que, após 30 anos de docência, teorizando na e da prática cotidiana possibilita a resolução da prática do teórico do dia-a-dia.

ARTE, CIÊNCIAS E MEMÓRIAS: IMPERIOSO DIALOGAR SEMPRE!

Pressupõe-se dialogar o ato de confrontar ideias ou entendimentos diferentes, mas não só entre interlocutores sujeitos, senão que, também, é valido para discursos oriundos dos campos das ciências divididos nas 8 áreas de conhecimento: Ciências Exatas e da Terra; Ciências Biológicas; Ciências da Engenharias; Ciências da Saúde; Ciências Agrárias; Ciências da Linguística, Letras e Artes; e Ciências Sociais Aplicadas e Ciências Humanas. Esta prática dialógica advoga pela procedência de que nenhuma das áreas descrita assegura a sua existência sem a contraposição das outras e que em cada uma delas, se acha a presença das outras

restantes. Eis aqui o núcleo do comparatismo ou, melhor dizendo da Literatura Comparada.

Com o apoio legal e pedagógico garantido pelo instrumento do PPP, projeto político pedagógico[1], próprio de cada escola, as premissas dos postulados levantados pela Literatura Comparada, puderam abrir caminho à multidisciplinariedade nos domínios educacionais das EMEF´s mencionadas.

O filósofo francês Edgard Morin (2002) não esconde a sua afinidade com o comparatismo ao defender e reconhecer a precedência da prática do exercício de diálogos entre especialidades, de fomentar a abdicação da ortodoxia das teorias e conceitos fixos e de pregar o constante nomadismo das ideais e, principalmente, de deixar emergir a complementaridade entre as artes, a literatura, a ciência e a filosofia:

> Para que haja um progresso de base no século XXI, os homens e as mulheres não podem mais ser brinquedos inconscientes não só de suas ideias, mas das próprias mentiras. O dever principal da educação é de armar cada um para o combate vital para a lucidez. (MORIN, 2002, p. 33).

Mas Morin não para por ai, ele ainda aposta nas incertezas ao ponto de expressar que é preciso aprender a enfrentar a incerteza, posto que vivemos em uma época de mudanças, em que os valores são ambivalentes e em que tudo é ligado; portanto a educação deve se voltar para as incertezas ligadas ao conhecimento:

> Dessa forma, a realidade não é facilmente legível. As ideias e teorias não refletem, mas traduzem a realidade, que podem traduzir de maneira errônea. Nossa realidade não é outra senão a nossa ideia de realidade. Por isso, importa não ser realista no sentido trivial (adaptar-se ao imediato), nem irrealista no sentido trivial (subtrair-se às limitações da realidade); importa ser realista no sentido complexo: compreender a incerteza do real, saber que há algo possível ainda invisível no real. (MORIN, 2002, p. 85).

[1] O objetivo do Projeto Político Pedagógico (PPP) é definir a filosofia, a missão, os valores e as metas de uma instituição de ensino. É um documento que orienta as ações da escola e estabelece uma direção clara para o desenvolvimento de suas atividades pedagógicas. Disponível em: https://educacional.com.br/artigos/projeto-politico-pedagogico-o-que-e-sua-importancia-e-como-fazer/. Acesso em: 24.09.2023.

Num modelo semelhante e provocador de incertezas, - que gera antipatia e rejeição em mais de um professor -, Larrosa (2002) defende outra pedagogia: a pedagogia profana, insegura, imprópria, onde as respostas não seguem às perguntas, o saber não segue à dúvida e as soluções não comungam com seus problemas, onde a incerteza se transforma em palavra de honra, enquanto que o professor tem como principal premissa não dar a ler ao discente o que se deve ler, senão dar o que se deve: ler; o estímulo à leitura.

Já, Clovis de Azevedo y Krug (HERON DA SILVA, 1999) no início do novo século, já levantavam as reflexões e questões sobre os conteúdos curriculares a serem montados nos estabelecimentos educativos brasileiros face às necessidades viradas em regras ditadas pelo neoliberalismo, à globalização e o discreto aparecimento de um novo jeito de se repensar como ser humano, o transhumanismo[2]:

> Para a Administração Popular, democratizar é construir participativamente um projeto de educação de qualidade social, transformador e libertador, em que a escola é um laboratório de prática, de exercício de conquista de direitos; de formação de sujeitos históricos autônomos, críticos e criativos (grifo nosso). Estes cidadãos plenos, identificados com os valores éticos que sejam voltados à construção de um projeto social solidário, devem ter na prática da justiça e da liberdade, no respeito humano, nas relações fraternas entre homens e mulheres e, na convivência harmônica com a natureza, o centro de suas preocupações.(HERON DA SILVA, 1999, p. 11).

Esta proposta, que alberga no seu seio a marca indiscutível de Paulo Freire, propicia a intervenção de outros paradigmas para construção de saberes, outorgando assim carta branca para os Estudos Avançados da Literatura Comparada para fornecer, na sua medida, a sua contribuição em sala de aula, como elemento provocador de inquietudes e equacionar incertezas. Para tal empresa foi necessária à posta em prática dos postulados de Mikhail Bakhtin (FIORIN, 2006) no que diz respeito à questão do discurso e a sua procedência de estar impregnado de

[2] Movimento que abdica da condição finita do ser humano, apostando nas tecnologias de ponta para ir substituindo os organismos por nanotecnologias, fundindo, aos poucos, homem-máquina para poder transcender e abolir a morte. Códigos éticos e religiosos são ausentes.

outros discursos anteriores à sua própria realização, sejam estes simbólicos ou não simbólicos e ainda contendo nos seu estrato mais profundo uma natureza ideológica, como também grau de intertextualidade, interdiscursividade e inter e multidisciplinaridade respectivamente. Neste sentido, para Bakhtin (Fiorin 2006) o sujeito se constitui discursivamente, introjetando vozes sociais que formam parte da realidade em que está imerso e, ao mesmo tempo, as inter-relações dialógicas decorrentes. Como a realidade, continua Fiorin (2006), é heterogênea, o individuo não absorve apenas uma voz social, senão várias que estão presentes em relações diversas entre si. Para Bakhtin (Fiorin 2006), o ser humano não tem acesso direto à realidade, ao que está aí, pois o mesmo é mediado pela linguagem, o real se apresenta sempre semioticamente, noutras palavras a realidade para nós é o que nos achamos que é:

> Um objeto qualquer do mundo interior ou exterior mostra-se sempre perpassado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros; dá-se a conhecer para nós desacreditado, contestado, avaliado, exaltado, categorizado, iluminado pelo discurso alheio. Não há nenhum objeto que não apareça cercado, envolto, embebido em discursos. Por isso, todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam. Por conseguinte, toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras. (FIORIN, 2006, p. 19).

Mas, como definir o campo de atuação da Literatura Comparada? Em vista do exposto, é Henry H. H. Remack, teórico judeu alemão, propôs a sua tentativa de abrangência dos territórios da Literatura Comparada no campo das ciências humanas e exatas, no ensaio de 1961 o qual sugere abertamente:

> A literatura comparada é o estudo da literatura além das fronteiras de um país específico e o estudo das relações entre, por um lado, a literatura, e, por outro, diferentes áreas do conhecimento e da crença, tais como as artes (por exemplo, a pintura, a escultura, a arquitetura, a musica), a filosofia, a história, as ciências sociais, a religião etc. em suma, é a comparação de uma literatura com outra ou outras e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana. (COUTINHO; FRANCO CARVALHAL, 2011, p. 189).

Esta compreensão do fato literário, sem dúvida, exige do professor de ensinos básico, médio e do acadêmico um desafio maior: a tarefa de reconhecer-se como depositário das vozes ancestrais da humanidade, da sua transumância, da sua multifacetada e multicultural interpretação cosmogônica, das suas criações, dos seus desejos, das suas expectativas, da sua vivência, do seu ir e vir, da sua incessante busca de respostas, em outras palavras da memória, da memória coletiva e ancestral retida sob a forma do simbólico ou não. E é nesta tentativa de exegese que o homem através da literatura, das artes e dos discursos tidos como científicos, procura aplacar seu dilema existencial ancestral: Quem sou? De onde eu venho? Quanto tempo eu tenho?

ATENÇÃO: OBSERVANDO E REFLETINDO....

As lendas escolhidas para trabalhar e refletir em sala de aula foram: a lenda do Mapinguari[3], criatura monstruosa do alto Amazonas, com um só olho, com uma boca enorme na barriga e um cheiro insuportável, que arrancava a cabeça das criaturas incautas, e a lenda do Bep Kororoti[4], que significa “vindo das estrelas”, também conhecido por Kuben. Segundo a lenda, há milhares de anos, numa aldeia Kayapó, se escutaram explosões e houve fumaça e de uma canoa voadora, surgiu uma criatura alta, toda branca, com um olho só, sem nariz nem cabelos e tinha uma clava que lançava raios que desintegravam pedras e arvores. A entidade conviveu um tempo com os indígenas Kayapó e um dia foi embora. Porém, até hoje em dia, se segue cultuando a sua aparição, comemorando a sua chegada com uma cerimônia onde um indígena aparece com uma roupagem feita de plantas de cestaria que lembra a um astronauta.

[3] Mapinguari, Lendas e Mitos. Disponível em: https://www.sohistoria.com.br/lendasemitos/mapinguari/. Acesso em: 22.09.2023.
[4] Bep kororoti, o guerreiro do espaço. Disponível em: https://www.sohistoria.com.br/lendasemitos/mapinguari/. Acesso em: 21.09.2023.

Mas, antes de analisar ambas as lendas, a Paleontologia foi apresentada para os alunos como a ciência que estuda a história e evolução da vida na Terra, nas suas formas de plantas e animais, a partir dos restos fósseis, até a chegada do ser humano. Porém, os dois modelos que explicam a origem e aparição da vida foram comentados: o Criacionismo bíblico e o Evolucionismo de Charles Darwin, dando ênfase ao enorme grau de convergência discursiva que existe entre ambos os paradigmas, a pesar da intransigência existente seus entre defensores.

Pela fascinação do alunado, os dinossauros ocuparam um lugar de privilegio na abordagem da mencionada ciência. As características básicas dos dinossauros, enquanto a sua anatomia e hábitos (MOLINA PEREZ; LERRAMENDI, 2019), foram trabalhadas de forma bem simples e acessível para todos. Houve amostra de réplicas de fósseis e modelos à escala, conjuntamente com audiovisuais ilustrativos. A observação ostensiva dos alunos permitiu a elaboração de desenhos e maquetes empolgantes.

A Paleoarte, também foi apresentada aos estudantes e foi analisada como uma ilustração científica resultado de uma síntese particular entre a imaginação e criatividade do ilustrador e a acurácia e rigorosidade dos dados da ciência. Para o paleontólogo é um apoio importante na tarefa de poder reconstruir o passado: chame-se passado a um ambiente antigo, um acidente geográfico ou a um organismo dado. Aos desenhos e maquetes de criaturas pré-históricas se somou o maior desafio a partir da réplica de fóssil incompleto de um dinossauro de porte pequeno: reconstruir e desenhar a provável aparência da criatura, reparando, - para o sucesso de tal empresa -, no formato das unhas como indicador alimentício e vetor anatômico do dinossauro.



Maquetes em massinha de dinossauros e desafio de reconstrução.

Seguindo a linha de tempo geológico, o fim da era dos dinossauros, Era Secundária ou Mesozoica e inicio da era dos mamíferos, Era Terciária ou Cenozoica, há 70 milhões de anos, procedemos a analisar os elementos mais conhecidos e estudados da megafauna brasileira, isto é, mamíferos de mais de 500 quilos de peso, também, comuns aqui, no Rio Grande do Sul há 10 mil anos (KERN, 1991): mastodontes, gliptodontes, tigre dentes de sabre e megatérios mas, com a apresentação da Luzia, a mulher negroide mais antiga das Américas, que habitou a localidade de Lapa Vermelha, Lagoa Santa, estado de Minas Gerais, há 11 mil anos, e morta, talvez, por um ataque supressivo de um tigre dente de sabre.

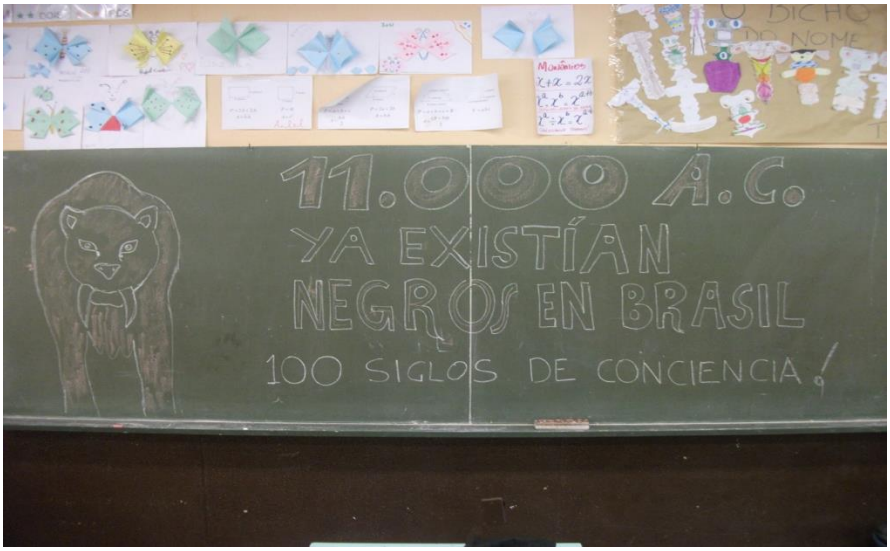
Especula-se que não houve tempo para sua sepultura e seu corpo foi colocado num buraco nas rochas que conectava a uma gruta profunda. Teoriza-se também que: “Luzia quando morreu, tinha entre 20 e 25 anos de idade e deveria ser casada fazia bastante tempo e certamente já deveria ter, pelo menos, uns dois ou três filhos” (ALVES NEVES; BEETHOVEN PILÓ, 2008, p.296). A partir destes dados, os alunos foram encorajados a desenharem o rosto da Luzia conforme a imaginaram.



Conteúdo e produção artística.

A partir desta realidade paleonatropológica[5] sobre Luzia, houve a necessidade de se refletir a questão polémica sobre a consciência negra em Brasil, aparentemente só debatida na sua efeméride anual no dia 20 de novembro. Assim, surgiu a provocação: negros em Brasil há milhares de anos antes da sua chegada, arrancados violentamente da África e trazidos pelos portugueses em condição de escravos!!! As crianças conseguiram assimilar a reflexão dentro das suas limitações lógicas e normais do seu desenvolvimento cognitivo. Neste momento de reflexão, também, foi levantada a hipótese que defende a pele escura nos personagens míticos e formadores da humanidade: Adão e Eva: eram negros?!

[5] Paleoantropologia, ciência que dá continuidade à paleontologia, estuda a origem, evolução e dispersão planetária do ser humano hasta o surgimento do *Homo Sapiens sapiens.*



Provocação/reflexão.

Uma vez cimentados os saberes básicos da Paleontologia e a colaboração da Paleoarte, abriu-se o debate sobre as lendas e suas origens, lembrando que, por trás de toda lenda, o fato. Com efeito, sempre houve um fato ou evento circunstancial que, - pela falta de um entendimento crítico associado a um repertório linguístico discreto, durante o processo da oralidade comunicativa para com o coletivo -, assume um perfil sobrenatural e, até por vezes, mágico.

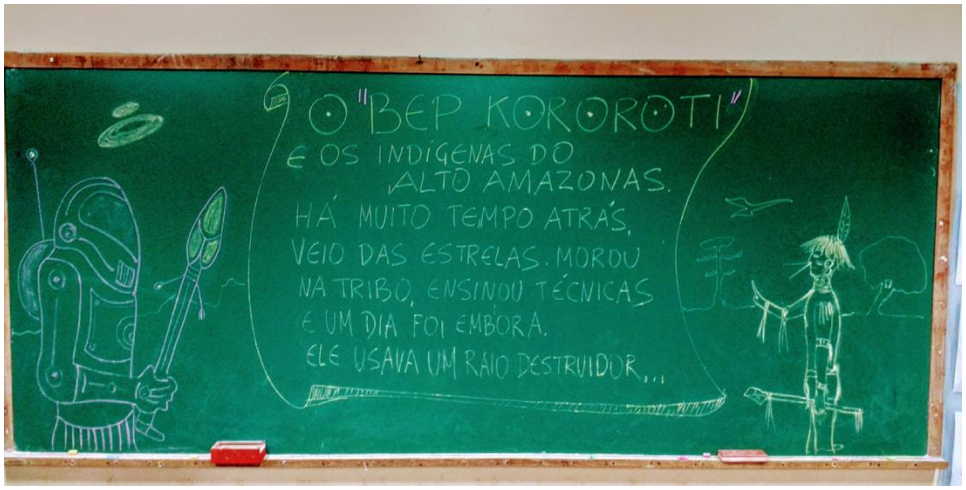
Por ordem de antiguidade, se começou pelo Mapinguari. A criatura foi pensada conforme a narrativa lendária existente para logo ser identificada como um megatérido, isto é, uma preguiça gigante, possivelmente um *Eremotherium laurilardi*, mamífero placentário de distribuição intertropical que habitou América do Sul até uns 10 mil anos atrás. O megamamífero pesava em torno de 4 a 6 toneladas e andava em duas ou quatro patas. Seu comprimento máximo atingia os 6 metros e levantado nas patas traseiras, alcançava os 4 metros de altura. Os alunos imaginaram a criatura lendária, deixando de lado a anatomia do eremotério e a materializaram com desenhos e em cilindros de rolo de papel higiênico.



O monstro lendário e os entendimentos artísticos.

Já o Bep Kororoti resultou algo diferente e totalmente desconhecido para os alunos. De fato, poucos são os docentes que conhecem e incluem esta lenda por ocasião das efemérides folclóricas brasileiras, como no dia 22 de agosto, Dia do

Folclore Brasileiro ou 31 de outubro, Dia do Saci[6]. Uma vez analisada a lenda e observadas fotos documentais e filiações do ritual de comemoração da passagem da entidade pela tribo Kayapo, os alunos deixaram correr a sua criatividade e imaginação. Para o apelo à tarefa artística, houve desenhos, maquetes e a representação da entidade em vários materiais e de varias morfologias, como se pode apreciar a continuação:



[6] O Dia do Saci no Brasil foi criado em 2003, por meio do projeto de lei nº 2.762/2003 do então deputado Aldo Rebelo. Em 2013, a Comissão de Educação e Cultura elaborou o projeto de lei nº 2.479/2013, que consolidou o dia 31 de outubro como o Dia do Saci. O intuito, além de prestigiar a figura lendária, foi descentralizar a intromissão do Dia de Bruxas ou Halloween.



Trajo Bo dos índios Kayapo. Disponível em: https://alienigenasdopassado.com.br/bep-kororoti-o-antigo-astronauta-da-amazonia/. Acesso em: 22.09.2023.







Da teoria ao artifex.

Em todos estes anos de aplicação da multidisciplinariedade, a produção artística dos alunos pode ser descrita como uma verdadeira explosão criativa, ainda durante os dois primeiros anos críticos de reclusão domiciliar dos alunos por causa do covid 19. Com efeito, foram criados dioramas e maquetes e outras produções artísticas que mostraram um capricho e uma dedicação para além do esperado e imaginado pelo próprio corpo docente. As manualidades artísticas, - realizadas em tal circunstância -, provaram ser uma válvula de escape e um entretenimento saudável e prazeroso para os alunos, em tempos de desamor, barbárie e mortes. A sua produção artística lhes propiciou uma estabilidade emocional e um estímulo à manifestação do seu mundo interior. De fato, a motricidade fina foi resgatada em momentos de inercia pandêmica.

MAS, QUE FICOU TRÁS A ENTREGA DAS CRIATIVIDADES?

A intervenção multidisciplinar não cessou com a aplicação desses diálogos discursivos pontoais. As paleocênicas continuam latentes e atuais no decorrer dos outros conteúdos curriculares porque são a chave para o entendimento evolutivo da existência humana planetária e para os rumos pelos quais estamos deambulando entre incertezas e angustias. Já a Arte Educacional ou a Educação Artística, muito

embora apresentem campos semânticos diferentes, - num olhar positivista, imediatista e superficial -, são inerentes entre si, como o próprio entendimento crítico que não há fé sem razão nem razão sem fim porque ambas são inerentes entre si também.

Cabe lembrar, o nosso entendimento humano de mundo iniciou com a Arte: o grande salto da humanidade (por que não quântico?) do estágio instintivo ao estágio simbólico. Neste novo estágio, o ser humano se enxerga e enxerga e precisa se criar e se inventar e para isto, houve e há a necessidade de coletivizar-se. O próximo passo nesse estágio simbólico foi o entendimento de educação como protocolo essencial para a sobrevivência num mundo de instintos e mecânicas biológicas.

Passadas centenas de milhares de anos, hoje em dia, o ensino básico ou fundamental, de alguma forma, procura cumprir um protocolo semelhante, em meio a políticas educacionais desestruturantes e regressivas, como a ausência de repetência em determinados anos, com o consequente avanço de alunos para ano seguinte com serias lacunas, cujo destino não será outro que trabalhar para os seus pares das escolas particulares que não conhecem de “facilidades pedagógicas” e gozam de logísticas atualizadas, “apadrinhadas”, de certa forma, pela a indiferença do MEC e com o apoio material da iniciativa privada.

Assim, as três décadas de docência do autor permitem defender que Arte e Educação apresentam sinonímia e ainda acrescentam outras: descoberta, libertação, confrontação e provocação.

Referências:

ALVES NEVES, Walter; BEETHOVEN PILÓ, Luis. O povo da Luzia – em busca dos primeiros Americanos. 1ª ed. São Paulo: Editora Globo, 2008.

BEO KORÓROTI, O antigo astronauta da Amazonia – Alienígenas do passado. Foto: Trajo Bo dos índios Kayapo. Disponível em: https://alienigenasdopassado.com.br/bep-kororoti-o-antigo-astronauta-da-amazonia/. Acesso em: 22.09.2023.

BEP KORÓROTI, o guerreiro do espaço. Disponível em: https://www.sohistoria.com.br/lendasemitos/mapinguari/. Acesso em: 21.09.2023.

BITTENCOURT, GILDA Neves da Silva. A literatura comparada diante dos avanços tecnológicos. in: JOBIN, José Luís et.al. (Org.) Sentidos dos lugares. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005.

DA SILVA, Heron (Organizador). Século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo? Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

FIORIN, José Luiz. Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Ática, 2006.

KERN, Arno. Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul. 2º ed. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1991.

LARROSA, Jorge. Pedagogia profana. Porto Alegre: Editora Alternativa, 2010.

MAPINGUARI, Lendas e Mitos. Disponível em: https://www.sohistoria.com.br/lendasemitos/mapinguari/. Acesso em: 22.09.2023.

MOLINA PEREZ, Ruben; LERRAMENDI, Asier. Dinosaurs facts and figures: the theropods and others dinosaurs. Editor Princeton, 2019.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessário à educação do futuro. 5ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

PPP Projeto político pedagógico. Disponível em: https://educacional.com.br/artigos/projeto-politico-pedagogico-o-que-e-sua-importancia-e-como-fazer/. Acesso em: 24.09.2023.


28º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
CULTURA POPULAR: ENSINAR X SABER X AGIR X FRUIR
9º ENCONTRO DE PESQUISA EM ARTE:
PERFORMAR